



**TLU**  
Teaching  
and Learning  
Units



Global  
Education  
Time

# Do conhecimento à agência coletiva

**Edited**

**CISP**  
COMITATO INTERNAZIONALE  
PER LO SVILUPPO DEI POPOLI

**CISP – Comitato  
internazionale per lo  
sviluppo dei popoli**



**Release date:**

**Março 2026**

## Ficha Técnica

**Título:**

Do conhecimento à agência coletiva: Guia para promover ações de participação jovem dentro e fora da sala de aulas

**Autoria:**

Piotr Kowzan

**Tradução e adaptação para língua portuguesa:**

Amanda Franco

**Revisão:**

Alexandra Dias da Silva

**Fotografia de capa:** Mariana Cordovil - 4Change/Museu do Bairro entre Gerações

**Edição:**

Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viana do Castelo & 4Change

**Ano de publicação:**

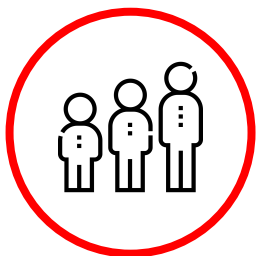
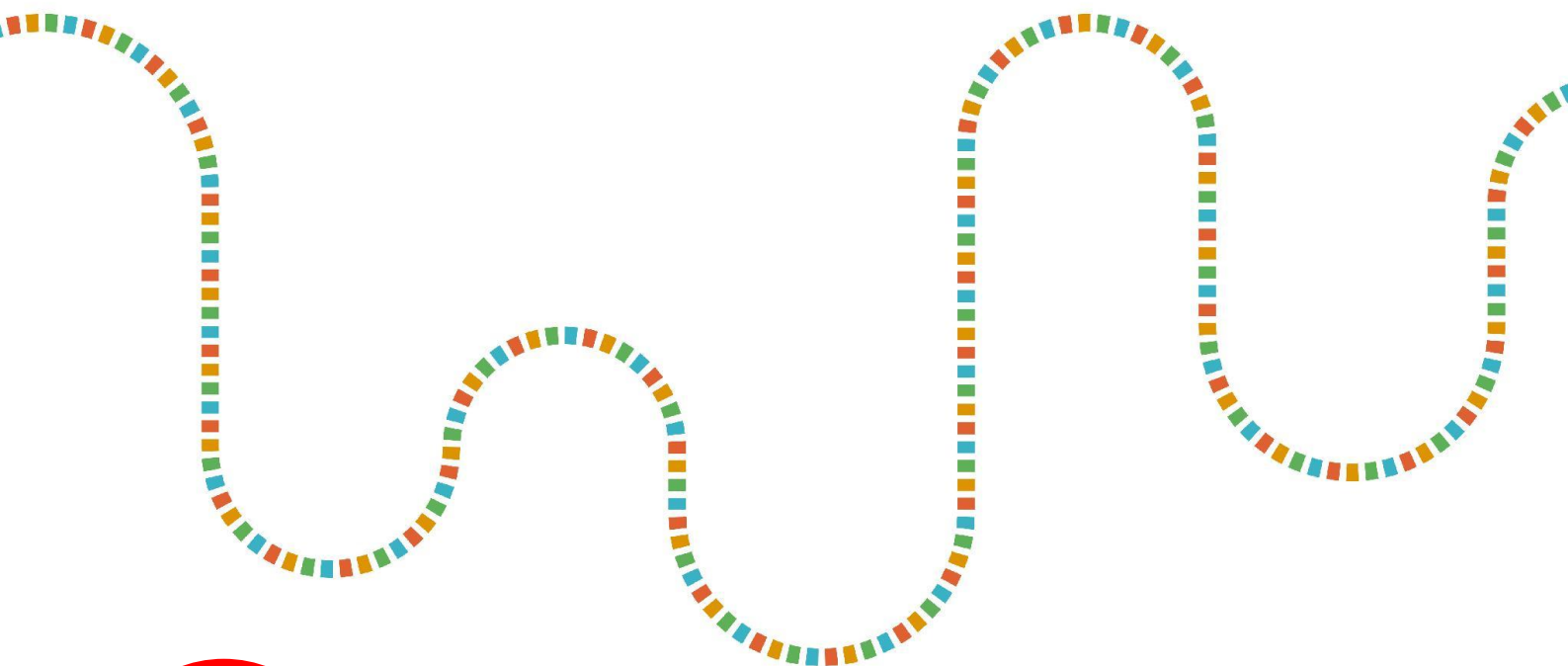
2026

**Conceção gráfica:**

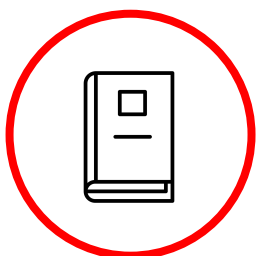
Zerogravità - Agenzia creativa

**ISBN:** 978-989-8756-80-0

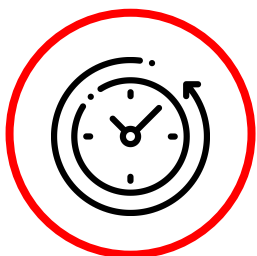
**DOI:** 10.57910/ipvc-ese-978-989-8756-80-0



**Age of students:** 11-25 anos



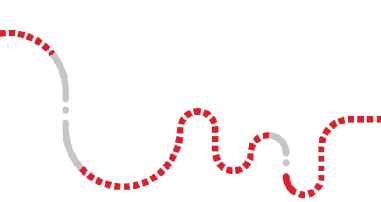
**School subjects:** Cidadania



**Duration in  
hours:**

**Entre 45 minutos e várias  
semanas**

O autor desta Unidade de aprendizagem é Piotr Kowzan, professor assistente no Instituto de pedagogia da Universidade de Gdańsk.



# Do conhecimento à agência coletiva: Guia para promover ações de participação jovem dentro e fora da sala de aulas



# INDEX



## **A) INTRODUÇÃO PARA OS PROFESSORES**

- **Como usar este Guia**
- **Quanto tempo demora**
- **Quem pode liderar**
- **Conhecimento**



## **B) Descrição das atividades**

- **Autoanálise: Descobrir interesses e construir poder**
- **Construções de grupo: Reuniões cara a cara**
- **Análise do poder: compreender o sistema**
- **Voz pública: transformar um problema numa questão**
- **Ação pública: do planear ao agir, aprender e celebrar**



## **C) Referências**



## INTRODUCTION FOR THE TEACHER

### Como passar do conteúdo ensinado à participação social

*"Pensar nos problemas do mundo pode ser deprimente e incapacitante: pobreza, alterações climáticas, desigualdades no acesso à educação, racismo. Posso preocupar-me com eles."*  
Matthew Bolton

#### Introdução: Como utilizar este guia

Este guia não é um procedimento rígido – é uma estrutura flexível. A maioria das pessoas que trabalham na vida pública não segue um guião. Experimentam, refletem e adaptam-se. Este guia existe porque muitas delas, depois de anos de esforço, começaram a perceber: *Continuamos a fazer coisas que parecem importantes, mas não vemos mudanças reais.*

Não é uma receita que garanta resultados. Seguir estes passos não transformará automaticamente a sua escola, a sua cidade ou o mundo. Este guia oferece, sim, ferramentas para fazer melhores perguntas, refletir com mais clareza e perceber para onde se move o poder – e para onde se pode mover com ele.

Não precisa de realizar todos os passos com todas as pessoas. Algumas alunas e alunos, algumas professoras e alguns professores, ou alguns membros da comunidade podem aderir em momentos diferentes. Está tudo bem. O importante é que um grupo nuclear – com pessoas jovens e pessoas adultas – avance, em conjunto, através da reflexão, da investigação e da ação. Esse grupo estará numa posição mais forte para:

- Compreender o que funcionou e o que não funcionou,
- Extrair ideias e considerações da experiência,
- E adaptar ou redesenhar o processo de uma forma que se adeque a **este momento**, a **este lugar** e a **esta questão**.



## INTRODUCTION FOR THE TEACHER

### Ação pública: Do planear ao agir, aprender e celebrar

#### Sobre o que trata esta etapa

Agir não é o mesmo que protestar. A ação requer um plano.

O protesto é uma forma possível de ação – geralmente uma reação à decisão ou comportamento anterior de outra pessoa. Aqui, o foco não está no quão visível ou impactante é a ação, mas, sim, no que ela realmente alcança.

A ação educativa importa. Enquanto educadoras e educadores, queremos que a ação seja educativa, reflexiva e construtiva. O ciclo de aprendizagem mais simples inclui quatro etapas:

1. Uma situação ou experiência
2. Reflexão
3. Generalização
4. Decisão para a vez seguinte

Esta última etapa, a decisão, implica: **Pretendemos voltar a fazer isto.**

- Uma segunda petição.
- Uma segunda reunião.
- Um segundo protesto.

Porquê? Porque é assim que aprender com a experiência se torna uma estratégia.

#### Estrutura sugerida para um projeto liderado por estudantes

##### Investigação

1. Cria uma equipa – ou junta-te a uma já existente.
2. Realiza uma campanha de auscultação – fala com outras pessoas sobre o assunto.
3. Agenda uma reunião – e toma decisões concretas.





## INTRODUCTION FOR THE TEACHER

### Quanto tempo demora?

Este guia pode ser utilizado de várias formas: como uma sequência completa, como um conjunto de atividades independentes, ou integrado num projeto em curso. Se for utilizado como um módulo completo, aqui está uma estimativa aproximada:

1. A **autoanálise** necessita de, pelo menos, 45 minutos para revelar diferentes interesses e construir a compreensão do grupo.
2. A **construção do grupo** é um processo contínuo – as conversas informais podem acontecer fora da sala de aula e ser relatadas posteriormente.
3. A **análise do poder** depende do conhecimento prévio das alunas e dos alunos, e pode demorar entre 45 e 90 minutos. Até uma sessão curta pode abrir novas perspetivas.
4. A **expressão pública** requer tempo para transformar a frustração numa estratégia – pelo menos 45 minutos para o enquadramento básico.
5. A **ação pública** pode prolongar-se por dias ou semanas. O cronograma depende dos seus objetivos e contexto, mas até uma pequena ação coletiva seguida de reflexão é um sucesso.

Pense neste guia, não como um cronómetro, mas como uma bússola. O grupo irá decidir até onde ir e quando parar.

### Quem pode liderar?

Qualquer pessoa.

Geralmente, quem facilita este tipo de processo é a professora ou o professor, mas qualquer membro (uma pessoa jovem ou adulta) do grupo pode orientar os outros membros nestes exercícios. O que importa não é a experiência, mas, sim, o cuidado e a clareza.

Ainda assim, encorajamos que quem vai facilitar o processo seja transparente sobre o seu papel. Se essa pessoa é, simultaneamente, facilitadora e participante (por exemplo, se se preocupa profundamente com o assunto em discussão), sugerimos que tente o seguinte:

Quando falar na sua própria voz – para dar a sua opinião pessoal –, pode dar um passo para o lado ou um passo teatral em frente, dizendo algo como: *"Agora estou a falar por mim"*. De seguida, pode regressar à sua posição inicial e dizer: *"Agora estou de volta ao papel de pessoa facilitadora"*.

Este pequeno gesto pode evitar confusões e demonstrar integridade. Mostra que liderar um processo não significa controlar a direção do grupo, mas, sim, conduzi-lo bem.





## INTRODUCTION FOR THE TEACHER

### Conhecimento

Esta não é uma situação confortável para a Educação. Os temas que ensinamos estão, muitas vezes, longe de serem inspiradores. Tratar o conhecimento construído como ponto de partida para ações potencialmente construtivas é uma forma de lidar com a tristeza provocada pela injustiça. Ajuda, também, a evitar a formação de uma atitude cínica perante os problemas avassaladores do mundo. O guia que se segue baseia-se, em grande parte, nas experiências e práticas de mobilização da organização [Citizens UK](#), tal como descritas por Matthew Bolton, no seu livro *How To Resist – Turn Protest To Power* (2018).



O ponto de partida é reconhecer quais as emoções que o novo conhecimento provoca.

Que emoções é que o tema suscita nas alunas e nos alunos?

O que deixa as alunas e os alunos zangados?

O que lhes desperta a curiosidade?

O novo conhecimento raramente nos deixa num estado neutro. Pode evocar um impulso para a mudança, como a raiva ou a indignação, mas também a curiosidade, a tristeza, o medo, a vergonha e a esperança. A emoção é o combustível que permite que as alunas e os alunos passem do momento *"Isto dói"* para o modo *"Eis o que podemos fazer"*.

As escolas sentem-se naturalmente à vontade com a curiosidade – está ligada à aceitação do mundo. A raiva, por outro lado, está ligada ao pensamento político, que se baseia na exigência de erradicar a causa da raiva do mundo. Observar o mundo através da lente daquilo que precisa de ser eliminado é difícil de sustentar num ambiente escolar, onde o ensino é frequentemente impulsionado pela admiração, pelo encantamento e pelo amor ao mundo. Este guia abre espaço para um processo que permita alcançar alguma mudança sem incentivar a escalada do conflito.

Objetivo: Capacitar as alunas e os alunos para nomearem emoções e traduzirem o impulso de mudança – especialmente a frustração e a raiva – em planos de ação.

**Dica:** As emoções ajudam na aprendizagem. Trate a raiva como um sinal de cuidado. Ajude as alunas e os alunos a transformá-la em perguntas do género *"E se...?"* e *"E então! E agora?"* para estimular a sua imaginação e estratégia concreta.

# B.

## Descrição das atividades





## DESCRIPTION OF THE ACTIVITIES

### Autoanálise: Descobrir interesses e construir poder

*"Comece por aquilo que cria uma sensação de zanga em si. Se quer mudança, precisa de poder. Constrói poder através de relações com outras pessoas, com base em interesses comuns."*  
Matthew Bolton

#### Sobre o que trata esta etapa

Esta etapa ajuda as alunas e os alunos a identificarem os seus interesses e valores pessoais – não para se tornarem egoístas, mas para evitarem o esgotamento e reconhecerem o que sustenta a sua motivação ao longo do tempo. Compreender os próprios interesses permite-nos agir com propósito e clareza. Isto não anula o altruísmo ou a espontaneidade – pelo contrário, fortalece-os. Participar em atividades sociais, políticas e educativas deve ser significativo – algo que nos beneficie a nós e às outras pessoas, e que crie oportunidades de crescimento, alegria e solidariedade.

#### O que é que você, a pessoa facilitadora, pode perguntar:

Apresente-se (em relação às quatro Ideias Globais, aos Percursos Didáticos, ou a qualquer aspeto do seu conhecimento sobre o mundo que lhe cause raiva ou tristeza):

1. Você ou alguém próximo de si já experienciou este problema ou as suas consequências?  
Partilhamos isto para compreender por que razão nos preocupamos – e o que precisa de mudar.
2. A que comunidades ou organizações pertence?  
Podem ser de natureza formal (por exemplo, escola, equipa desportiva, clube local) ou demográfica (por exemplo, faixa etária, local, língua). Precisamos de poder para fazer a diferença – e saber quem representamos ajuda a construir esse poder.



## DESCRIPTION OF THE ACTIVITIES

### O que é que você, pessoa facilitadora, pode propor realizar-se coletivamente:

**Descrever claramente: "Descobrir o meu porquê".**

Peça às alunas e aos alunos para criarem um mapa visual simples da sua identidade. Incentive as alunas e os alunos a escreverem ou desenharem a sua resposta. Utilize um diagrama de corpo para apoiar a expressão.



### Discussão em grupo: Para onde vão os vossos recursos?

Convide as alunas e os alunos a refletirem em pares ou pequenos grupos:  
*Onde é que estão a investir o vosso...*

- A. Tempo
- B. Energia
- C. Dinheiro?

Deixe que partilhem as suas ideias, ou que apontem. Em seguida, faça a pergunta fundamental:

*Se tivessem poder real, qual seria o único desejo que realizariam?*

Esta discussão ajuda as alunas e os alunos a perceberem o que já fazem — e o que realmente importa para si. É uma ponte entre o quotidiano e os sonhos coletivos.

### O que ter em atenção:

- Evite enquadrar isto como um teste psicológico ou uma avaliação moral.
- Este exercício não se trata de ter razão, mas, sim, de responder com honestidade.
- Há alunas e alunos que podem necessitar de mais tempo ou do apoio de colegas antes de se sentirem à vontade para se expressarem.



## DESCRIPTION OF THE ACTIVITIES

# Construção de grupo: Reuniões cara a cara



### Sobre o que trata esta etapa

Depois de as alunas e os alunos explorarem e partilharem os seus próprios interesses com o grupo, é altura de sair do círculo familiar. Esta etapa incentiva as alunas e os alunos a iniciarem conversas regulares e significativas com pessoas fora da sua zona de conforto, especialmente aquelas com experiências de vida diferentes. Não se trata de uma atividade escolar isolada, mas, sim, do início de um novo hábito semanal: relacionar-se com o mundo.

### O que é que você, a pessoa facilitadora, pode dizer:

*Vai falar com alguém fora do teu círculo íntimo. Pergunta sobre o que é importante para essa pessoa. Partilha um pouco sobre o que é importante para ti. Pode parecer estranho no início — e está tudo bem. Podes simplificar:*

*"Gostaria de falar contigo sobre o que é importante para ti. Também te vou falar sobre o que tenho pensado ultimamente."*

### O que fazer:

Estabelecer um objetivo semanal: uma breve conversa presencial por semana, fora do grupo de amigas e amigos.

### Regras de ouro:

- × Sem conversa fiada
- × Nada de vender ideias ou tentar persuadir
- × Sem interrogatórios
- × Não domine a conversa
- × Não aja como se fosse terapeuta
- ✓ Dê atenção à curiosidade, à escuta ativa e à autenticidade.



## DESCRIPTION OF THE ACTIVITIES

Iniciar estas conversas não tem de parecer "natural". Seguir um guião é perfeitamente aceitável — e funciona. Por exemplo, pode simplesmente dizer:

*"Gostaria de me encontrar contigo para conversarmos sobre o que é importante para ti, e também posso partilhar aquilo em que tenho estado a trabalhar".*

**Dica:** Incentive as alunas e os alunos a tirarem algumas notas logo após cada reunião. Depois, comparem:

*"O que se torna mais claro ou mais útil no trabalho de grupo quando têm apontamentos, comparado com quando não têm?"*

### O que ter em atenção, enquanto a pessoa que facilita:

- As alunas e os alunos podem optar por conversar apenas com as amigas e os amigos – ajude a perceber este padrão.
- Algumas ou alguns podem tentar persuadir ou corrigir as e os colegas – lembre que é necessário escutar primeiro.
- Outras e outros podem evitar o desconforto – normalize este sentimento e encare-o como crescimento.



## DESCRIPTION OF THE ACTIVITIES

# Análise do poder: compreender o sistema



### Sobre o que trata esta etapa

Antes de agir, precisa de saber quem detém realmente o poder no sistema que pretende influenciar. Esta etapa ajuda as alunas e os alunos a mapearem de que forma é que as decisões são tomadas – tanto a nível oficial como não oficial. Trata-se de compreender estruturas, redes e relações, e não apenas títulos.

Esta etapa transforma a frustração em estratégia.

"Não adianta fingir que temos o poder de resolver o problema de uma só vez, para depois não fazermos diferença nenhuma. Ao desconstruir o grande problema numa questão mais simples, procuramos escolher algo que seja significativo e ambicioso o suficiente para ter impacto e que, com base numa análise do poder, tenha uma hipótese razoável de ser alcançado."  
Matthew Bolton

### O que é que você, a pessoa facilitadora, pode perguntar:

*Quem detém o poder relativamente a esta questão?*





## DESCRIPTION OF THE ACTIVITIES

### Exercício 1: Mapeamento do poder

Peça às alunas e aos alunos para fazerem uma pesquisa e enumerarem:

- As cinco pessoas principais na instituição, na escola, no governo local, etc.
- Quem controla o orçamento?
- Quem tem as melhores ligações?
- Que subgrupos existem e quem os lidera?
- Como são tomadas as decisões oficialmente... e oficiosamente?
- A quem respondem as pessoas na liderança?

Peça às alunas e aos alunos para desenharem um mapa destes atores como uma teia de influência – utilizando setas, o símbolo do euro e ícones, para o tornar visual.

### Exercício 2: Reflexão sobre o posicionamento do grupo

Pergunte ao grupo:

- Temos algum poder formal de decisão?
- Conhecemos alguma das pessoas do mapa? Podemos contactá-las?
- Quantas pessoas conhecemos? São relações sólidas ou apenas laços superficiais?
- Há algo que possas melhorar de forma realista — só ou em conjunto — sem ajuda externa?
- Quem precisaríamos de convencer para que a mudança fosse possível?
- Como podemos aumentar a nossa influência passo a passo?



## DESCRIPTION OF THE ACTIVITIES

### O que ter em atenção, enquanto a pessoa que facilita:

- As alunas e os alunos podem confundir estatuto com influência — é necessário que procurem o impacto real.
- As alunas e os alunos podem sentir asoberbamento. Simplifique: comece por uma instituição que conheçam.
- Incentive a investigação colaborativa – a análise do poder é um trabalho de equipa.



## DESCRIPTION OF THE ACTIVITIES

# Voz pública: Transformar um problema numa questão



### Sobre o que trata esta etapa

As alunas e os alunos experienciam, muitas vezes, uma sensação de assoberbamento pela magnitude dos problemas globais. Nesta etapa, aprendem a transformar grandes frustrações em questões concretas e solucionáveis. Isto não significa abandonar a ambição, mas, sim, escolher um primeiro passo inteligente.

*"Os problemas levam a conferências, e as questões levam à ação. Ao longo da escola e da faculdade, ensinam-nos a ser "estudantes": a analisar e a argumentar, a defender e a criticar. [...] Ninguém quer saber se és a favor ou contra se não tiveres um plano para agir e fazer a diferença."*  
Matthew Bolton

### O que é que você, a pessoa facilitadora, pode perguntar:

*O que podemos influenciar neste problema, mesmo que seja apenas o início?*

Incentive as alunas e os alunos a considerarem ambas as perspetivas:

- Visão alargada (o problema global)
- Passo pequeno (a questão que pode ser resolvida com uma ação)



## DESCRIPTION OF THE ACTIVITIES

### O que é que você, a pessoa facilitadora, pode propor:

#### Exemplo de exercício: Metaplano.

Utilize três perguntas básicas para estruturar uma conversa de grupo ou um cartaz:

1. Qual é a situação atual?
2. Como deveria ser?
3. O que podemos fazer para avançar nesse sentido?

Convide as alunas e os alunos a fazerem uma tempestade de ideias em pequenos grupos, escreverem em *post-its* ou desenharem mapas. O resultado deste exercício pode ser mais do que apenas ideias – pode tornar-se o primeiro esboço de um plano estratégico. A etapa 3 liga a realidade atual ao futuro desejado, e ajuda a identificar passos concretos entre estes dois extremos.

### O que ter em atenção, enquanto a pessoa que facilita:

- As alunas e os alunos podem ter ambições demasiado elevadas ou demasiado vagas. Ajude a reduzir a escala sem perder de vista a essência da questão.
- Algumas alunas ou alguns alunos podem não conseguir sair do pessimismo. Reforce o seguinte: *Vocês não estão a resolver tudo. Estão apenas a começar algo.*



## DESCRIPTION OF THE ACTIVITIES

# Ação pública: Do planejar ao agir, aprender e celebrar

## Sobre o que trata esta etapa

Agir não é o mesmo que protestar. A ação requer um plano.

O protesto é uma forma possível de ação – geralmente uma reação à decisão ou comportamento anterior de outra pessoa. Aqui, o foco não está no quão visível ou impactante é a ação, mas, sim, no que ela realmente alcança.

A ação educativa importa. Enquanto educadoras e educadores, queremos que a ação seja educativa, reflexiva e construtiva. O ciclo de aprendizagem mais simples inclui quatro etapas:

1. Uma situação ou experiência
2. Reflexão
3. Generalização
4. Decisão para a vez seguinte

Esta última etapa, a decisão, implica: **Pretendemos voltar a fazer isto.**

- Uma segunda petição.
- Uma segunda reunião.
- Um segundo protesto.

Porquê? Porque é assim que aprender com a experiência se torna uma estratégia.

## Estrutura sugerida para um projeto liderado por estudantes

### Investigação

1. Cria uma equipa – ou junta-te a uma já existente.
2. Realiza uma campanha de auscultação – fala com outras pessoas sobre o assunto.
3. Agenda uma reunião – e toma decisões concretas.



## DESCRIPTION OF THE ACTIVITIES

### Tomada de decisão e inclusão

Ao facilitar uma decisão em grupo, considera utilizar o consenso em vez da votação por maioria. O consenso respeita as diversas vozes e evita desencorajar quem está em minoria. Além disso, pergunta: *Quem não está presente?* Incentiva outras e outros colegas a atuarem como porta-vozes de quem está ausente ou de quem não tem a sua voz escutada – incluindo as gerações futuras, as comunidades marginalizadas ou, até mesmo, as partes interessadas não-humanas.

### Ação

1. Ação interna – desenvolve competências, envolve-te com as tradições locais e iniciativas existentes.
2. Ação externa – utiliza o que construístes para influenciarees decisões ou aumentares a visibilidade.
3. Envolvimento do público – convida pessoas de fora e certifica-te de que lhes dá algo para fazer.

### Enquadramento estratégico nos ODS

Incentiva as e os colegas a ligarem as suas ideias de projeto aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). O ODS 16 (*Paz, Justiça e Instituições Eficazes*) e o ODS 17 (*Parcerias para a Implementação dos Objetivos*) são particularmente importantes para legitimar as iniciativas lideradas por jovens quando se abordam instituições ou se procuram pessoas ou instituições aliadas.

Este enquadramento ajuda a transformar o projeto de "apenas uma atividade escolar" em algo alinhado com as prioridades globais – e isto abre portas.

### A expressão artística e o poder da explicação

As ações de participação jovem são, muitas vezes, ricas em criatividade, performance e, até, humor absurdo – e esta é uma força. Ao longo dos últimos 50 anos, pessoas dedicadas à investigação e ao ativismo confirmaram que a arte pode falar onde as palavras comuns falham. Ela toca as emoções, constrói identidade e chama a atenção. Mas a arte também precisa de apoio.



## DESCRIPTION OF THE ACTIVITIES

Se o teu grupo criar algo expressivo – uma performance, um vídeo, um cartaz, um mural ou música – não assumas que toda a gente vai compreender a mensagem. As ações artísticas são mais poderosas quando acompanhadas de:

- uma breve explicação da intenção (mesmo que desajeitada ou simples),
- um convite claro para o público: *Eis o que podes fazer depois de veres.*

Esta combinação de expressão e explicação pode mudar completamente a forma como o público reage à tua ação.

A tua comunidade escolar já tem uma sólida experiência em como explicar as coisas de forma clara. Faz uso disso! Tal como escreves conclusões em redações ou dás instruções em projetos na aula, pensa sobre como é que a tua mensagem artística pode incluir uma "moldura" falada ou escrita que convida as pessoas a compreender e a agir.

### Avaliação e iteração

1. Aprendizagem através dos movimentos sociais – trata cada ação como a primeira de duas. Pergunta:

*O que faríamos de diferente da próxima vez?*

*O que aprendemos sobre nós e sobre o mundo?*

### Alegria e celebração

2. Reserva algum tempo para celebrares as conquistas. Pode ser um pequeno ritual, partilhar comida, música ou, simplesmente, umas gargalhadas. A celebração faz parte do processo.

### As pessoas adultas como coaprendizes

- As professoras e os professores não precisam de saber tudo.
- Seja transparente sobre os seus limites e delegue responsabilidades reais.

Isto não é negligência, é respeito. Deixe as alunas e os alunos perceberem que a liderança significa *pedir ajuda, construir alianças e acolher pessoas aliadas*. Por vezes, o melhor apoio é dar um passo para o lado e deixar as alunas e os alunos tentarem.

## Referências

Bolton, M. (2017). *How to resist – Turn protest to power*. Bloomsbury Publishing.

Kowzan, P. (2023). Dzieci podczas ulicznych protestów – szczeble i granice partycypacji. *Problemy Wczesnej Edukacji*, 57(2), 194-207. <https://doi.org/10.26881/pwe.2023.57.14>

Kowzan, P. (2023). The humiliated began to sing: How teachers on strike tried to teach society. *European Journal for Research on the Education and Learning of Adults*, 14(1), 125-143. <https://doi.org/10.3384/rela.2000-7426.4207>

Vlieghe J., & Zamojski, P. (2019). *Towards an ontology of teaching: Thing-centred pedagogy, affirmation and love for the world*. Springer.



## Lead Partner



## Project Partners



**Escola Superior  
de Educação**  
Instituto Politécnico  
de Viana do Castelo

## Programming period 2023-2027



Co-funded by the  
European Union  
under the DEAR Programme